



FRANÇA — IGREJA DE S. MARTINHO D'AINAY.

SESENTA tribus gaulezas erigiram em Lyão de França (Lugduni) um soberbo templo a Augusto. Com o decorrer dos annos este testemunho insigne do reconhecimento das Gallias ao famoso imperador, que, segundo a expressão dos escriptores romanos, fez as delicias do mundo, teve a sorte das outras muitas construcções semelhantes; isto é, caiu em ruinas! Nos primeiros seculos da nossa era, no mesmo logar do templo pagão, consagrou-se uma pequena capella a S. Blandina, virgem e martyr.

No tempo de Constantino para ali foi viver como solitario S. Radulpho, que pouco depois fundou um convento; a igreja d'esse convento, edificada sobre a capella subterranea de S. Blandina, recebeu a invocação de S. Martinho.

Destruida no fim do 5.º seculo pelos vandalos, que saquearam a cidade de Lyão, foi reconstruida pouco depois por S. Anselmo, abbade d'Ainay, que d'esta vez a dedicou a S. Pedro.

Mas a segunda igreja teve a sorte da primeira, ás mãos dos lombardos. A rainha Brunehaut, de França, a restaurou depois, dando-lhe novamente por orago S. Martinho.

Esta igreja, opulentada pela munificencia de alguns pontifices, e nomeadamente de Eugenio III e Innocencio IV, chegou aos nossos dias orfã do contiguo mosteiro, e tal qual a vemos representada na nessa gravura.

VOL. III. — 3.ª SERIE.

Infelizmente os que tiveram, em diferentes epochas, a seu cargo o reparo de tão precioso monumento de piedade christã cuidaram em o preservar das maiores injurias dos seculos, sem contudo respeitarem os primitivos desenhos. Todavia ainda assim a igreja de S. Martinho de Lyão é mui digna do exame do archeologo e do architecto.

Do antigo templo de Augusto existem as quatro columnas que sustentam a cupula do altar-mór, e um baixo relevo sobre a portada, figurando tres divindades do paganismo, que o povo em sua singelza porfia em venerar como tres santas, de que julga serem as devotas imagens.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

NVI.

Requimento de Arrayolos visconde de Santarem de 1408.

Vimos como, em tempo do conde D. Alvaro Pires de Castro, os moradores de Arrayolos se queixaram a el-rei das vexações, que padeciam, nórmente de pouar

JANEIRO 21. 1854.

com elles em suas casas a familia do conde, e lhes tirar mantimentos e forragens: e vimos igualmente como se despachou essa controversia ao principio por composição, e ao depois por isenção da villa do senhorio do conde.

Alguns dos senhores da villa, que se foram succedendo, continuaram a exercer as mesmas vexações, até que novamente a villa se queixou a el-rei por seus procuradores nas côrtes de Santarem de 1468, de que o conde de Guimarães (que tambem o era de Arrayolos, por ser herdeiro da casa de Bragança) pousava com os vassallos e privilegiados, o que nunca fizera o duque seu pae; e pediram que tal não consentisse el-rei; e que sómente pudessem pousar com elles quando o proprio rei estivesse na villa. Ao que el-rei respondeu, que lhe aprazia que assim se fizesse; e mandava que fossem guardados aos moradores seus privilegios. E se porventura o dito conde, quando estivesse na villa, lh'os não guardasse, lh'o escrevessem a elle rei, e elle escreveria ao dito conde por maneira que lh'os guardasse.

Do que tudo lhe passou carta em Santarem, a 24 de maio de 1468. (1)

XVII.

Demarcações do termo.

QUAES fossem as demarcações primitivas do termo de Arrayolos está visto no cap. III, por occasião d'el-rei D. Affonso II fazer doação d'esta terra ao bispo e cabido d'Evora em 1217.

Vejâmos agora como pelo decurso dos tempos foram novamente demarcados os seus limites com algumas das terras visinhas.

Demarcação com Evora.

Por sentença do anno de 1535 se determinou a demarcação de Arrayolos com Evora pelo modo seguinte: Começando nos limites do termo de Arrayolos com Vimieiro, segue o caminho que sae das casas da herdades das Figueiras, onde está o alamo, assim como vae por detraz das costas das casas e moradas dos lavradores das herdades de Luiz Mendes de Oliveira e dos frades de S. Domingos, ficando ellas no termo d'Evora; e d'ahi atravessando o Divor pelo agude do moinho dos ditos frades, e pelo cabeço alto da serra direito ás casas da quinta da torre do Adayão, ficando a torre no termo da cidade (3): e da dita torre pelo cabeço onde está o azambugeiro, que está sobre o valle da junça por junto do dito azambugeiro, e d'ahi atravessando o dito valle, e pomar da Sempre-noiva por entre os paços e a casa do pomareiro direito ao curral, que está na herdade da Pedra da Missa contra o caminho de valle de Sobrados, o mais chegado á lagoinha junto da estrema da herdade da Sempre-noiva, ficando os paços no termo d'Evora, e a casa do pomareiro no de Arrayolos. (2)

Demarcação com o Vimieiro na era de 1458, pela parte do monte do Alcaide.

Por avença feita entre os dous concelhos ficou li-

mitado entre ambos o termo desde o padrão grande, que está nas cimalthas do valle das Charruadas, como se vae direito para a cumiada da Anta, e vem-se á dita Anta, que está em direito do monte, que foi de João Alcaide, e da dita Anta ao ribeiro do Pigreiro para cima até ao marco da cruz; e desde dito ribeiro para Arrayolos é termo d'Arrayolos, e do dito ribeiro para além é termo do Vimieiro; e do dito marco da cruz vae-se a um padrão, que jaz derribado áquem das quelhas, onde está o curral, e d'ali vae-se direito traz o pardieiro, que está áquem da Murteira, e vae entrar no Ribeiro da Murteira. (1)

Outra demarcação entre os mesmos termos em 1572, pela parte de Castello Picão e Ilha Fria.

Por sentença d'este anno se decidiu partir o termo de Arrayolos com Vimieiro por um zambugeiro, que está em cabeça de Castello Picão, e d'ahi por uma linda contra os freixos da fonte da Ilha Fria, e d'ahi valle abaixo direito ao canto da vallada dos Silvestres, que agora é de Alvaro Ferreira, e d'ahi aguas correntes até um alamo, que está no ribeiro, e ficando a vallada no termo de Arrayolos toda, e d'ahi até chegar á herdade da Murteira, que parte com herdade dos Silvestres, onde está uma barroqueira, onde se diz que arrancaram um marco por onde partiam os termos, e d'ahi vae até cabeça de Bardeira. (2)

Com as outras terras limitrophes não ha no cartorio da camara confrontação.

XVIII.

Foral d'el rei D. Manuel.

Os chronistas e jurisconsultos contam como el-rei D. Manuel encarregára a Fernão de Pina a reformação dos foraes das villas e cidades do reino, e como elle se desempenhára d'este encargo.

Pelo que toca particularmente ao da villa de Arrayolos sabe-se que o proprio Fernão de Pina fôra em pessoa á mesma villa, e ali dentro na fortaleza d'ella, a 7 de outubro de 1509, inquirira as testemunhas, que julgou bastantes para alcançar cabal conhecimento dos usos e costumes antigos a respeito do pagamento dos direitos reaes, e outras cousas, de que havia de fazer menção o novo foral; visto como na arca do concelho se não achou foral anterior pertencente á dita villa. Foram presentes a este auto de inquirição Diogo Lopes e Gaspar Martins, escudeiros e juizes ordinarios; João Nunes e João Ledó, vereadores; e Fernão Martins Grangeiro, procurador do concelho; e outrosim Diogo Bayão, e Gil Pires de Carvalho, cavalleiros e outros homens bons, todos moradores em a dita villa; e estando mais presente Langarote Rodrigues, escudeiro e almoxarife do sr. duque de Bragança na dita villa. (3)

A 29 de março de 1511 se passou em Lisboa o novo foral, e se publicou em Arrayolos a 3 de abril de 1515, sem que conste o motivo de tamanha demora. Já vimos que o chamado antigo foral, dado por el-rei D. Diniz, não passa de ser uma simples

(1) Torre do Tombo. Liv. 28 de D. Affonso V. fl. 47.

(2) Em tempos mais antigos houve duvida sobre se as casas da torre do Dayão estão no termo de Arrayolos, ou no de Evora; e por inquirição de testemunhas se decidiu que estão no termo de Arrayolos. (Doc. no cartorio da camara)

(3) Documento no cartorio da camara.

(1) Outro ibid.

(2) Outro ibid.

(3) Torre do Tombo, corpo chronologico, parte 2.^a, masso 13, doc. 156, que contém a inquirição para este Foral. No mesmo archivo gaveta 20, masso 11, n.º 13 está outro papel, pertencente a mesma inquirição, mas nada adianta.

carta de fóro do reguengo da Vide a seus povoadores. (1) O novo foral porém ordenado por Fernão de Pina abrange as condições dos colonos dos dous reguengos de Vide e do Cavallo; designa que pensão hajam de pagar os dous tabelliães da yilla; regula os tributos da açougagem, e do cellayo (tributo sobre o pão cosido); a dizima da execução das sentenças; como se darão os maninhos; que retribuição se pagará pelos montados; como se arrecadará o gado do vento, como se cobrará a pena d'arma; e finalmente dá um extenso regimento sobre o imposto da portagem. (2)

J. H. DA CUNHA RIVARA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto!
Valha a desculpa, se não vale o canto.

VII.

SE é exacto, como se affirma, que Bocage tinha em projecto um poema sobre o *descobrimto da America*, e uma tragedia de Vasco da Gama, a mesma escolha dos assumptos inculca o distincto poeta. De todos os factos modernos, que se prestam para a tela da epopéa, este da contraposição de duas civilizações, da revelação do mundo velho ao mundo novo, é o que apresenta as proporções gigantescas, o maravilhoso, e as tintas esplendidas, que o genero imperiosamente pede. Chateaubriand concede apenas ás cruzadas e ao descobrimto da America a capacidade de inspirarem fabula e episodios dignos de rivalisarem na harpa christã com a lyra de Homero, e com o cantor de Eneas.

Quem, melhor do que Elmano, como Camões, desde a mocidade o baldão da fortuna, e o escolhido das musas, tendo visto na immensidade das aguas a imagem do infinito, na tempestade os horrores sublimes da natureza, e nas regiões da Asia o antigo theatro da gloria portugueza, descobriria no assumpto os paineis admiraveis, as scenas meigas e patheticas, as pinturas atrevidas e maviosas? Harmonia, pompa, traços e cores, no verso; sentimento lyrico, phrase epica, expressões cunhadas com um sello distincto, aonde se funde a graça na energia, tudo o que se deseja e raramente se alcança assim reunido, concorria para lhe alargar e enobrecer a carreira. Poderia percorrel-a? O plano do edificio, e a symetria das partes corresponderia ás decorações? A imaginação, transportada a tão amplo lavor, acudiria poderosa e igual ao interesse, á regularidade, e ao acabado que elle demanda? O drama, que está sempre no fundo da epopéa, seria concebido e desempenhado na altura precisa?

Se nos guiarmos superficialmente pelo que ficou de Elmano parece licito duvidar. Se mais de perto contemplarmos alguns longes dos seus hymnos, notando a invenção original, que vislumbra atravez do tecido mythologico, não faltam motivos para acreditar que sim.

(1) Atrazcap. VI.

(2) Esta no cartorio da camara o original, que lhe pertence. E na Torre do Tombo acha-se registado no livro de Foraes Novos do Alemtejo, fol. 75 v. col. 2.

Quem ler attento a admiravel cantata de Leandro e Hero, e tirar a suspeita de um furto ás Heroïdes de Ovidio, confrontando as duas peças, achará no gosto e na imaginação, que a dictaram, mais do que os dotes limitados do imitador classico. O toque e o primor do episodio auctorizam a suppor que, apurada a critica e concentrado o genio, a inspiração não seria infiel a Bocage, se a chamasse cheio de respeito pela propria gloria, e de admiração pela elevação da arte. Comprehenderia o vate assim os deveres do talento, e as condições do genero? Daria ao assumpto á liberdade regrada; daria á poesia o sentimento da verdade, e ao maravilhoso o sentido christão?

O que José Basilio da Gama entendeu e conseguiu no Uraguay, o moderno poema de maior merito, apesar dos descuidos e da brevidade contrahida, a grande e bella execução descriptiva das scenas naturaes, e o quadro magnifico dos homens da Europa occidental abordando a um mundo, que nunca suspeitaram, como crê o barão de Humboldt, estava na indole e nos artificios poeticos de Manuel Maria despil-o inteiramente do repintado verniz das tradições da epopéa antiga, e do falso luzente da allegoria pagã?

Se nos induz a crer que não, por um lado a influencia da escola dominante, e a servidão consentida ás suas leis; por outro notámos nos arrebatamentos religiosos do poeta, nos seus extasis lyricos curvado á fé, a decidida victoria do espiritualismo, na invocação de um Deus ethereo e immaterial, Deus do Golgotha! mas embora (e com a sua ancía de gloria era inexplicavel) elle não houvesse afagado na mente o plano de mais altas composições, a obrigação da critica seria julgal-o pelos titulos que deixou, e que são de mais para lhe grangearem elevado logar. O que ficou por acabar, se excede as dimensões do que pode concluir, unicamente prova a pausa com que aguardava o momento propicio de conversar as musas no recolhimento, indispensavel aos pensamentos grandes.

O padre José Agostinho, estampando na analyse da Pena de Talião as nodoas do seu rancor, varia a accusação com o requinte de maledicencia, que não esquecia, quando se molestava com o merccimento alheio. Bocage, diz elle, foi um auctor sem methodo e ligação de idéas, por genio incapaz de symetria, por ignorancia desconhecedor de todos os preceitos communs da rhetorica. *Não tinha senão fogachos sem a força e ordem do discurso logico ou rhetorico!*

O censor queria introduzir as regras do syllogismo na poetica? Se outra era a sua intenção tinha lido as cantatas, os idyllos e as elegias de Elmano? Affirmaria em presença de taes paginas que o cantor de Medéa, do Tritão, e da morte de Maria Antonieta não passava de clarões, deslumbrantes, mas ephemeros? Mau conselheiro é o odio; e Elmiro Tagideo, peccando contra a consciencia, mordida ás escuras na sepultura aquelle, que exaltára vivo, reputando pequenos os maiores louvores.

Em Manuel Maria sobrava o que em toda a sua carreira Macedo, poeta de arte, buscou debalde, a commoção profunda, a sensibilidade dolorosa, a vocação espontanea, e aquella segunda vista prodigiosa do vate, que illumina as trevas do futuro, e accende na mais remota posteridade o resplendor de um astro, que não se eclipsa.

Boileau, mais instruido critico do que Elmiro, nunca impoz ao genio o frio compasso das mathematicas. D'elle são os formosos versos applicados á ode, mais verdadeiros para a indole dos outros generos, guardada proporção conveniente:

Son stile impétueux souvent marche au hasard :
Chez elle un beau desordre est effet de l'art.

É ficar bastante longe do molde impertinente do raciocínio logico, e da severidade do problema algebrico. Horacio queria a mesma cousa, e Macedo, tirado o fumo da inveja, seria do voto de ambos. Desgraçado poema da Meditação, e infelizes vãos lyricos das suas odes, se o raio, que fulminava, caísse em casa a um detractor!

Em Philinto, se é estranhavel ao cabo de uma longa existencia a falta de uma composição original, digna do seu nome, a observação não se exagera a ponto de lhe negar inteiramente as forças de a conceber e executar. Sem ella não ficou menos illustre, nem menor poeta do que foi. Atrevendo-se a desempuhal-a, de imitador classico subiria ás eminencias do genio, dilatando os reinos da phantasia. É a differença!

Virgilio, parando nas Eclogas e Georgicas levaria consigo ao tumulo o segredo da Eneida, e com elle o da capacidade epica. Perdia por isso o louro de Theocrito? Lembrou-se alguém de diminuir na gloria de Corneille por não commetter a empresa da epopeia, ou na de Milton por não calçar o cothurno de Sophocles? Um engenho nobre e privilegiado porque abraça os dominios todos da arte, já de distrahido, já por falta de sentido especial de um genero, já por lhe não chegar a vida para o labor, ha o direito de estabelecer, que não podia o que não tentou, ou que baixa de valor intellectual pela medida do que lhe ficou intacto?

Os talentos encyclopedicos, os Voltaires e os Goethes, são raros como Cesar e Napoleão. Não se dispersam com igual triumpho os poderes da imaginação pelas extensas provincias da poesia e do saber, sem o perigo de repetir as quedas, e de ser os primeiros. Bocage pode crer-se menos inventivo e menos fecundo no pensamento e no risco das suas obras; mas o que não deve é condemnar-se como esteril em nome de sonhada impotencia, quando os dias lhe correram curtos e angustiados, e a idade dos primores lhe despontava apenas! No que fez examinem-se os defeitos e as bellezas. No que traduziu ou imitou procure-se o grau de merito da difficuldade vencida, e os assomos de idealidade e invenção propria. No que temeu, ou no que destinou para a epocha viril do talento na sua plenitude, quando muito aventuremos conjecturas. Não se percorre de uma só respiração, nem com um simples volver de olhos a manifestação da sua actividade poetica. Seguindo-a com o exame vê-se que alcançou muito adiante do que geralmente se acredita.

Reservemos para o ultimo artigo a apreciação mais unida ás obras. Depois das linhas geraes entram as feições, e seguem-se os toques que dão a expressão, e constituem a vida, nas physionomias litterarias.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

SOLDADO DE CAVALLARIA GREGO.

Os ANTIGOS gregos distinguiam-se pela superioridade da sua organização militar, á qual deveram, em grande parte, a sua prosperidade, e a supremacia que alcançaram entre as nações do mundo.

Costumados desde a infancia ás mais rudes fadigas, os gregos frequentavam com enthusiasmo, na puberdade, os jogos publicos que podiam augmen-

tar-lhes as forças physicas, tornando-se finalmente soldados robustos, aguerridos e sobrios, que os generaes e dictadores conduziam facilmente á victoria.

Os gregos combatiam em geral defendidos apenas por um capacete de metal, dous *acmenides* (coxotes) para defeza das pernas, e a couraça; esta ou era de escamas de ferro, ou de fio do mesmo metal, formando uma especie de tecido.

Filippe de Macedonia, Alexandre o grande, e Philopemon fizeram grandes reformas, assim na organização, como no equipamento e armamento das tropas gregas.

Os exercitos gregos constavam de infantaria e cavallaria; mas esta arma, como aconteceu sempre até á invenção da polvora, considerava-se como a mais importante, assim pela qualidade dos individuos de que se compunha, como pela sua quasi decisiva influencia nos combates.

A cavallaria dividia-se em *cataphractas* (homens d'armas) lanceiros, e *acrobolistas*.

Os lanceiros, armados apenas de uma lança comprida, tinham por missão nas batalhas carregar sobre o inimigo, forcejando por lhe desordenar as fileiras.

Os *cataphractas* e *acrobolistas* eram destinados especialmente para o serviço a que hoje se applica á cavallaria pezada.



A nossa estampa representa um lanceiro grego, montando a cavallo: serve-lhe de estribo uma pequena travessa pregada na parte inferior da lança.

SANSÃO NA VINGANÇA!

(1850)

E sacudindo (Sansão) com grande força as columnas caiu a casa sobre todos os principes, e sobre todo o povo que estava n'ella; e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matara antes quando vivo.

JUIZES, cap. XVI, v. 30.

III.

A BORDO.

Como tantas vezes succede no mundo, o soldado e o chim caminhavam para a alfandega, conversando amigavelmente, e mostrando reciprocamente um ar risonho, ao passo que cada um d'elles odiava de coração o outro; que este contava sobre os maus sen-

timentos d'aquelle, para se vingar, á custa da sua honra; e aquelle imaginava esquivar-se a um castigo merecido, e alcançar as sympathias dos seus chefes, denunciando este. Triste quadro que de continuo passa ante os olhos da humanidade!

A lancha esperava no caes o seu patrão; Ahuy e João Antonio saltaram para dentro d'ella, e a prôa do barco dirigiu-se á fragata ancorada na Taipa. Ao portaló do navio estava o official de serviço; era o tenente de marinha Samgi, um bom musulmano, que viera de Goa na guarnição da fragata. Apenas elle viu o fiel d'artilharia, deu-lhe a voz de prezo á ordem do commandante, e mandou que o levassem para o porão, e lhe lançassem ferros aos pés. João Antonio declarou ao official que tinha graves revelações a fazer; porém o mouro, que conhecia a severidade do commandante, e era um cego observador da disciplina, não attendeu a mais do que executar a ordem recebida; enviou o soldado ao seu destino, e contentou-se em dizer-lhe que elle informaria o chefe da necessidade que tinha de fallar-lhe.

Quando João Antonio descia os degraus da escotilha grande, viu o guarda-marinha Innocencio, aquelle mancebo que elle estimava profundamente, e a quem se referira no dialogo com Floriana, e disse-lhe de passagem:

— « Senhor guarda-marinha, salve-me mais uma vez, como tantas outras tem feito. »

Innocencio fez-lhe um signal de assentimento com a cabeça, e dirigiu-se para a tolda, onde chegavam no mesmo momento o commandante e o tenente Osorio.

O commandante era um homem de quarenta annos, elegante, de maneiras delicadas, mas de uma severidade militar a toda a prova; trajava como sempre rigoroso uniforme, e conversava com o seu official predilecto, Luiz Osorio, igualmente uniformizado, mais moço do que o commandante, porém serio como elle. O tenente Samgi e o guarda-marinha Innocencio, apenas os viram, cortejaram militarmente o superior, e apertaram a mão do camarada.

— « Então, » disse o commandante, « já chegou o tal João Antonio? »

— « Sim, senhor, » respondeu Samgi, « acaba agora mesmo de descer para o porão, aonde se lhe estão pondo os ferros, porém. . . »

— « Porém o que? » replicou o interrogante, de um modo brusco.

— « Porém, » acrescentou o mahometano com a placidez de um fatalista, « o homem diz que tem graves revelações a fazer, e pede para fallar a v. s.^a »

— « Não estou para o aturar. Quer-me contar historias? . . . que as conte aos ratos do porão. »

— « É um pobre velho, » disse o guarda-marinha acercando-se e com voz doce, « tem trabalhado muito, está cansado e quasi demente. »

— « Cá temos o nosso advogado geral *ex-officio*, » interrompeu o commandante rindo; « d'onde conhece o sr. Innocencio aquella perola? »

— « Embarcou com meu pae quando eu ainda era pequeno, sempre me mostrou muita affeição. . . »

— « Pois não se desfaça d'aquella boa amizade! »

E dizendo isto o commandante travou do braço de Luiz Osorio, e separou-se dos outros dous officiaes, acrescentando:

— « Então vae hoje a casa de Murray? »

— « Sim, senhor, espero ir á noute. »

— « É porque não vem já comigo? eu vou jantar com elle. »

— « Mas eu entro de serviço ao meio dia, e só ás quatro horas estarei desembaraçado. »

— « Então lá o espero para uma partida de vultarete. »

— « Com todo o gosto. »

— « Samgi, » bradou o commandante, « mande-me apromptar o escaler. »

Poucos minutos depois formava a guarda do batalhão naval, e o chefe saía, recebendo as continencias do estylo. Os tres officiaes ficaram na tolda conversando a respeito de João Antonio, como o fariam ácerca de outro qualquer objecto, que reputassem insignificante.

Um soldado do batalhão naval, aquelle mesmo que vimos no pardieiro da timora, chegou-se ao grupo, e com a mão direita collocada horisontalmente junto ao boné, disse ao tenente Osorio que lhe desejava fallar.

— « É segredo? » perguntou Osorio.

— « Não, senhor; mas é um aviso que preciso fazer a v. s.^a »

— « É a nós todos, porque não? »

— « Se assim o determina, não tenho duvida em fallar diante d'estes senhores. »

— « Pois falla, 114. . . nunca te soube outro nome senão este de 114; venha de lá esse aviso salutar. »

— « Senhor, o João Antonio disse que queria incendiar a fragata, lançando fogo ao paiol da polvora. »

— « Isso é romantico! » bradou Osorio dando uma estrondosa gargalhada, á qual fizeram còro Samgi e Innocencio.

— « V. s.^a ri-se? . . . tambem eu me ri; mas é que tenho pensado, e. . . »

— « É então? » (novo riso).

— « É então? . . . o homem não é boa rez; quem sabe se é capaz de cumprir o que prometeu. Elle está meio maluco, a polvora corre-lhe pelas mãos, e pode algum dia. . . »

— « Vae dormir, 114, isso é somno; deixa-nos com os teus prognosticos. Todos havemos de tornar a Lisboa, se estes malditos chins nos não matarem lá por terra. »

O pobre soldado, *desapontado*, fez nova continencia aos superiores, rodou sobre os calcanhares, e dirigiu-se para a prôa. Acompanharemos o 114, em prejuizo do poeta Osorio, do joven Innocencio e do mahometano Samgi.

O leitor já viu a prôa de um grande navio de guerra? Faz idéa do que sejam aquellas conversações do fogão? Passou-lhe pela cabeça que pudesse haver poesia n'um dialogo de marinheiros? Se não viu, se não faz idéa, se nunca imaginou estas cousas, e vive contente porque conhece a boa sociedade, e já viu *fazerem espirito* quatro bonifrates de casaca, então ha de ser difficil que lhe interessem estas scenas. E não é porque seja nosso proposito ir desenhar esse variado quadro, que os limites d'esta composição não comportam, mas porque as exigencias d'esta historia nos levam imperiosamente á prôa da fragata D. Maria II, e teremos que rogar pela jaqueta alcatroada do grumete, e pela fardeta já russa do soldado; se se sente com animo acompanharnos ao fogão.

O preto cosinheiro manipula conscienciosamente o frugal jantar da companhia; cercam-o varios marujos, de differentes idades, uns fumando, outros limpando as espadas, ou a ferragem das suas bandejas de comer; outros finalmente cozendo a propria roupa, ou conversando de seus amores pouco platonicos, de seus banquetes em dia de pagamento, de suas longas viajens e naufragios, dos bons ou maus officiaes com quem serviram. O 114 chegou ao meio d'esta assembléa, e tomou a palavra.

— «Vou tratar de ir destacado para a fortaleza da Taipa,» disse elle; «não me fio no João Antonio.»

— «Então que ha de novo? por onde faz agua o barco?» perguntou um velho cabo de marinheiros, depondo o cachimbo sobre o fogão.

— «Meu velho *Madeira*, não te querem deixar passar pela decima quarta vez o cabo da Boa Esperança.»

— «Que é lá isso,» replicou o *Madeira* (que tirava a alcunha da sua terra natal) «as treze vezes já cá estão, e não se me dava ainda de tornar a ver a *Bica*. Morrer por morrer, morra meu pae que é mais velho; esta naifa ainda tem ponta, apesar da ordem, e o braço não perdeu o vigor... saibamos quem é o valente.»

— «Eu não o queria acreditar, porém tive um sonho esta noite...»

— «Ah! elle é historia de sonhos? pois sempre ouvi dizer que succede o contrario do que se sonha... ó *Sopa de massa*, dá-me fogo, que se apagou o cachimbo.»

O mogo ou grumete a bordo é criado do marinheiro; por isso o *Sopa de massa*, um rapaz de quinze annos, correu a buscar o murrão para servir o *Madeira*. Antigamente nem os mogos podiam fumar diante dos marinheiros, nem passar por elles de chapéu na cabeça, hoje tem-se relaxado essa disciplina; os velhos lobes de mar clamam contra a inovação, mas debalde.

— «É o caso,» continuou o soldado. «O João Diabo é fiel d'artilharia, e prometteu lançar fogo ao paiol: agora está prezo e talvez leve pau; mais exasperado ha de ficar. Avisei os officiaes, e elles riram-se... pois eu vou tratar de mudar-me para ali.»

E apontava com o dedo para o forte da Taipa, construido pelo governador Amaral em territorio chinês, para proteger a cobrança do imposto do sal.

— «Vae, que és soldado, estás melhor em terra; eu cá não tenho medo do João, nem de todos os diabos juntos. Em morrendo faço trinta annos á justa. Mas assim mesmo eu lhe andarei na cola, e se o apanho em rascada não lhe queiras tu estar na pelle.»

— «Em quanto elle estiver prezo não ha duvida,» disse sentenciosamente o *Cara linda*, marinheiro feissimo, mas ainda novo, «porém logo que esteja solto é não lhe largar a alheta.»

— «O homem ha de ter amor ao corpo,» proseguiu o *Madeira*, puchando com força uma fumaça: «se elle não morresse também...»

— «Lá isso é um calhar,» replicou o *Cara linda*, que era o que se chama a bordo um *letrado de fogão, um sabio de coberta*; homem lido em *Carlos Magno* e na *Imperatriz Porcina*; isso é um calhar, repetiu, como o outro que diz: Morra Sansão e quantos aqui estão. Tem-se visto d'isso.»

A voz do oraculo fez sensação na assembléa. *Sopa de massa* ficou boqui-aberto de murrão em punho, *Madeira* deixou apagar novamente o cachimbo, e o 114 meneava a cabeça com signaes de afflicção. Ouviu-se porém um toque de corneta, que chamou a alegria aos rostos, e a falla aos labios. Era a hora de jantar. Não estava desvanecida a fatal impressão, mas esquecia-se momentaneamente, para voltar mais tarde, e talvez mais pungente, porque os homens de mar são em geral supersticiosos.

O chim Ahuy, que ouvira a conversação que naríamos, e a quem não escaparam as expressões de João Antonio no acto da prisão, entendeu que era preciso sair de bordo, e confiar a outro companheiro o leme da lorecha e a missão de se corresponder

com o prezo, antes que descobrissem o seu verdadeiro nome e a causa d'aquelle disfarce, o que lhe parecia estar eminente.

— «O christão quer-me atraigoar,» murmurou elle, «nunca tal pensei! Aquelle monstro quer mostrar patriotismo á minha custa; porém está só no porão, é necessario fugir antes que elle falle.»

E dirigiu-se ao official de quarto, já então o tenente Osorio, dizendo-lhe com ar risinho, apesar das chibatadas que por sua ordem recebêra, que tinha precisão de ir a terra, e pedia licença para embarcar em um tancá que ía largar de bordo.

Osorio concedeu sem difficuldade a licença, e Ahuy ia escapar ao perigo que via sobranceiro, quando assomou á bôca da escotilha o vulto esqualido e repugnante do fiel d'artilharia. Vinha elle fumar, com auctorisação do official, e arrastava-se penosamente com as pernas unidas pelos ferros, quando enxergou o chim, que transpunha o portaló.

— «Não deixem fugir esse homem,» gritou elle com toda a força dos pulmões, «agarrem esse chim, que trata de incendiar todos os nossos navios.»

Este brado achou ecco em toda a tripulação, ainda impressionada pela historia do 114, e meia duzia de soldados e marinheiros se lançaram sobre o patrão da lorecha. Osorio, que não tinha motivos para patrocinar Ahuy, revogou a ordem, e chamou á sua presença o accusador e o accusado. O leão e o tigre achando-se face a face, não se olham com mais rancor, não têm maior desejo de se dilacerarem mutuamente do que estes dous homens tinham; um d'elles porém estava agrilhado; o outro era filho do celestial imperio, e por consequencia dissimulou o seu odio.

— «Que temos?» perguntou seccamente o official.

— «Este homem,» respondeu João Antonio, levou-me a uma reunião de chins, que querem dar cabo da fragata e das duas corvetas aqui estacionadas.

— «Que dizes a isto, Ahuy?»

— «Senhor, esse homem está embriagado, como costuma; não falla direito.»

— «Eu bem sei aonde é a casa, em Matapau, posso lá conduzir a v. s.^a»

— «Se elle provar o que diz,» respondeu o chim tranquillamente, ao menos na apparencia, «façam de mim o que quizerem.»

— «Muito bem,» concluiu o tenente; «fique para o commandante a investigação d'este negocio; mas como o porão é largo, e não faltam machos de ferro, ponham tambem um par d'elles a este chim fallador, e que conversem ambos lá em baixo, sem todavia se aproximarem demasiado.»

Que se figure o leitor a deliciosa noite que passariam estes dous malvados, defronte um do outro, praguejando cada qual em seu idioma, na presença da sentinela, que os impedia de se chocarem: era um supplicio anticipado pelos crimes que meditavam.

Em quanto elles ahí jazem, vamos nós acompanhar a terra o tenente Osorio, que nos encontraremos em melhor sociedade. (Continúa.)

F. M. BORDALO.

ESTUDOS SOBRE OS DIFFERENTES METHODOS DE ENSINO DE LER EM PORTUGAL.

I.

JOÃO DE BARROS.

O PRIMEIRO monumento que a imprensa nos conservou de methodos de ensino de ler nas escolas de Por-

tugal, é a cartinha de João de Barros, publicada pela primeira vez em 1539, e impressa em casa de Luiz Rodrigues, impressor d'el-rei. Quem conhece os methodos ronceiros e irracionaes, que nas escolas de Portugal têm quasi geralmente dominado desde longos annos, e que ainda hoje imperam na maioria das escolas, ha de suppor que o celebre escriptor das *Decadas*, escrevendo a primeira cartilha, ou methodo de ler em portuguez, escrevêra um syllabario mais rude e mais rotineiro que aquelles que geralmente conhecemos. João de Barros porém, que foi, como sabemos, um historiador sincero e elegante, mostra-se tambem na philologia um homem que se levantou acima do seu seculo, e que soube prever muitas observações e muitas idéas, que depois se haviam de colher e formular nas idades de mais florente civilização.

A cartilha, ou mais propriamente a *cartinha* de João de Barros, começa por apresentar o alphabeto minuscuro, contendo as vinte e duas letras, *a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, v, x, z*; collocadas cada uma dentro de uma pequena moldura, ou quadro gravado em madeira, e tendo cada um d'estes quadros pela parte superior a figura de um objecto familiar e muito conhecido, cujo nome começa pela letra a que pertence. Assim por cima do quadro do *a* está gravada uma *arvore*, por cima do *b*, uma *bésta*, arma de arremego mui usada n'aquelle tempo, ao *c* corresponde um *cesto*, ao *d* um *dado*, ao *e* um *espelho*, ao *f* um *fogareiro*, ao *g* um *gato*, ao *h* um *homem*, ao *i* um *jarro*, ao *k* um *kajado*, ao *l* um *livro*, ao *m* um *mocho*, ao *n* uma *nau*, ao *o* um *olho*, ao *p* um *pente*, ao *q* um *quadrante*, ao *r* uma *rapoza*, ao *s* uma *sereia*, ao *t* uma *tesoura*, ao *v* uma *viola*, ao *x* um *xarroco*, ao *z* um *zoliaco*.

Vê-se aqui apparecer pela primeira vez a idéa de acompanhar cada letra com uma figura, artificio de que não consta haver exemplo antes d'elle, e que é o fundamento de todos os alphabets figurados, que depois se usaram, e que ainda hoje se empregam em toda a parte como deleitação e como auxilio mnemonico. A razão pela qual João de Barros empregou este methodo engenhoso para o seu tempo sem duvida, foi a de que as creanças tivessem na figura um auxilio immediato para a memoria. N'aquelles tempos o ensino do ler estava muito pouco propagado, e os mestres eram raros, e esses mesmos, como se deprehende das queixas de João de Barros, nem satisfaziam pelas suas habilitações á altura da sua missão, nem seguiam os methodos mais adequados ao ensino da infancia. A creança precisava de ter na ausencia do mestre signaes figurados, pelos quaes pudesse distinguir perfeitamente as letras, depois de lhes saber os nomes. A creança, olhando para o *a* por exemplo, poderia entrar em duvida se lhe devia dar o som de *a*, ou o som de *b*, ou o de *c*, mas olhando ao mesmo tempo para a figura, que era sempre de um objecto mui conhecido e difficil de confundir com outro, achava-lhe immediatamente o nome, que era *arvore* no caso supposto, e por este nome de *arvore* deduzia muito naturalmente que o som da letra não poderia ser nem *b*, nem *c*, nem *d*; mas forçosamente *a*, som muito pronunciado e muito aberto, por que começa a palavra *arvore*. A creança com mais ou menos trabalho chegava, depois de uma ou duas lições, a conhecer por si mesma, ao menos n'um grande numero de casos, o nome e o som da letra que estudava. Uma outra vantagem d'este methodo era pronunciar primeiro a letra não com o nome, mas com o seu verdadeiro valor, quando dizia o nome do objecto, antes de deduzir o nome da letra. Assim no caso de *f*, a creança tinha de pronunciar

fogareiro, onde o *f* entra com o seu verdadeiro valor, e só depois d'esta primeira operação intellectual, que era por assim dizer instinctiva, e de que a creança não tinha a consciencia, é que ella dava ao *f* o seu nome *efe*, como n'aquelles tempos se dizia, e ainda hoje se diz, posto que erradamente, na maioria das escolas. Não ousamos dizer que todas estas considerações viessem ao espirito de João de Barros; que elle porém presentira a vantagem de suas figuras como meio mnemonico, infere-se das suas formaes palavras no prologo da cartinha. «E ante que se trate da grammatica poerey os primeiros elementos das letras em modo de arte memorativa, para mais facilmente se aprender a ler.» Quem sabe que n'aquelles tempos se chamava á mnemonica *arte memorativa* ficará plenamente convencido de que João de Barros tivera a mira mais longe do que n'uma simples amenidade, e quizera de proposito facilitar a mnemonisação das letras, quando dedicára a cada uma a figura de um objecto conhecido. E que não fôra por simples aparato, mas pelo conhecimento profundo do que convinha aos principiantes, que elle empregara as figuras, deprehende-se do que elle mesmo diz, quando confessa que omittira tudo o que não era essencial, e só olhara ao que era indispensavel; «cá,» diz elle, «seria mais mostrar-me, que aproveitar... e tratarei sómente do necessario aos principiantes.»

Depois de conhecida a forma de cada letra, passa João de Barros a ensinar ás creanças uma coisa que senão ensina na maior parte das cartilhas que hoje se usam nas nossas escolas, e é o indicar os valores de cada uma das letras, de modo que o seu alphabeto perfeito se compõe de trinta e uma letras da maneira seguinte: *á, a, b, c, d, é, e, f, g, h, j, i, y, k, l, m, n, ó, o, p, q, r, r, s, f, t, u, v, x, z*.

D'estas trinta e uma letras, diz João de Barros, outo servem de vogaes, *á, a, é, e i ó o u*.

D'este simples enunciado se infere que João de Barros ha tresentos annos soubera elevar-se á analyse dos sons fundamentaes da lingua portugueza, e se não poude achar todos os de que ella se compõe, não foi por falta de seu engenho, senão pelo atraso em que estes estudos se achavam no seu tempo. Reconhecendo que além dos sons representados pelas letras vogaes, havia outros que não tinham signal particular no alphabeto romano, elle diz expressamente: «Serue-se tâbê a nossa linguagê de algũas letras á maneira dos Gregos, as quaes nós té óra temos ê uoz, e não ê figura, e são estas *á, é, ó*.» E continuando diz ainda: «Temos mais estas tres prolações, *ch, lh, nh*, as quaes são proprias da nossa lingua, e usam d'ellas ê suprimimento de tres letras de que não temos figura e assi temos esta letra *ç* que parece ter sido invêtida para pronúnciação Hebraica ou Mourisca; assim que podemos dizer, temos vinte e tres letras em poder e vinte e quatro em figura.»

O *a*, segundo João de Barros, tem dous valores, que ambos antes d'elles escrever se representavam pela mesma figura. João de Barros designa o primeiro valor por *á*, o segundo por *a*, e chama a estes dous signaes, duas figuras differentes, como quem diria que o *á* com accento ficou sendo um novo signal até ali nunca empregado. Deixemos fallar o nosso auctor, para que elle nos ensine, na sua linguagem singela, mas elegante, o que antes d'elle se usava, e o que elle se propoz substituir na sua cartilha.

«Os Latinos... tem sómente estas cinco (vogaes) *a, e, i, o, u*. Nós... temos outo. O *á* grande, *a* pequeno, *é* grande, *e* pequeno, *i* commum, *ó* grande, *o* pequeno, *u* commum. E a este modo os Gregos e os Chaldeos tem letras vogaes grandes e pequenas

de que usam em sua escriptura. Nós té ora em a nossa não usamos d'esta differença de figuras, que chamamos grandes. E dado que a sintamos na prolação da uoz, com as letras dobradas a este modo *aa*, *cc*, *oo*, suprimos o logar onde seruem, como, n'estas dições, *Maas*, *pees*, *poos*, as quaes devemos escrever a este modo, *más*, *pés*, *pós*. . . E bem sei que por ser novidade, e o uso estar em contrario será cousa trabalhosa, ser logo estas nouas figuras recebidas em nossa orthografia; mas o tempo as fará tão proprias como são as outras de que usamos. »

E mais adiante acrescenta João de Barros: « A que é nossa primeira letra do *abc* tem duas figuras, uma d'este *á*, que chamamos grande, e outra de pequeno. Ambos seruem em composição de dições, e cada um tem seu officio em que o outro não entende, porque não escrevêdo as dições onde cada um serviriam ambibologicas e duvidosas, dado que o modo da construção as mais vezes nos ensina tirar essa ambibologia, como n'estas e n'outras dições, *más* e *mas*. »

Entre as consoantes admitte João de Barros as que vamos dizer:

1.º o *b*; 2.º dous *cc*, o *c* forte e o *c* cedilhado, e a proposito d'estes diz elle: « *c* ajunta-se sómente a estas tres vogaes, *ca*, *co*, *cu*; e σ segundo a todas a este modo, *ga*, *gc*, *gi*, *go*, *gu*, com que as syllabas ficam geceadas da maneira dos giganos. Nós parece que ouvemos estas letras dos mouriscos que vencemos. »

Na cartinha e na grammatica usa Barros do *ç*, qualquer que seja a vogal que se lhe siga, quando o *c* tenha o valor a que elle chama *eccado*, e que não é mais de que o som do nosso *s* em principio de dição.

Admitte depois como letras sempre invariaveis *D*, *P*, *T*, *X*, *Z*, a respeito dos quaes diz: « Estas seis letras não tem tantos trabalhos nê mudças é seruir seus officios como uemos que tem as outras. . . E por isso as atamos em mólho sem guardar a ordem que tem nem fasemos d'ellas muita menção. »

Do *G* admitte dous valores, dos quaes escreve: « *G* tem differença em seu serviço quando se ajunta ás uogaes, porque não pronunciamos, *ga*, *go*, *gu*, como *ge*, *gi*; cá estas tem prolação de *jé* e *ji*. E para ajuntarmos a letra *g*, estas duas vogaes *e* e *i* com que faça a prolação de *ga*, *go*, *gu*, é necessario esta letra *u*, a este modo *guerra*, *Guilherme*. »

Admittê o *h* como aspiração, e como signal para formar os signaes das tres prolações *ch*, *lh*, *nh*. Sobre o *l*, não há novidade alguma. Quanto ao *m*, e ao *n*, admitte-lhe dous valores, o primeiro quando é consoante propriamente dita, o segundo quando serve a exprimir as vogaes nasaes.

E notavel o modo por que João de Barros trata do *q*, fazendo sentir a inutilidade d'esta letra, e a necessidade de o substituir pelo *c*.

« Esta letra *q* pelo nome que tem, e assy pela pouca necessidade que á d'ella (como vimos atraz na letra *c*) a nós convinha mais que a outra naçam desterrála da nossa orthografia, e em seu logar emposar esta letra *c*, mas já disse quan regeoso sou de novidades dádo que as proveitósas tenham muita força para serem recebidas. Como cres que se faria a esta letra *c*, se fizesse profusão de isso e diz: pois este *q* tem tão preversa natureza, além do máo nome, que se nã aiunta ás letras vogaes senão mediante esto *u*, que lhe é semelhael. Ou são ellas tam limpas que senã prezem aiuntar a elle, cá não dissemos, *qa*, *qc*, *qi*, e dizemos *qua*, *que*, *qui*, e assim fica aquella letra *u*, sempre ligada sem força, principalmente acerca de nós, n'estas dições *que*, *qui*, etc. »

Admitte dous *rr*, o forte *r*, e o brando para o qual

elle inventa um signal particular, que não podemos aqui apresentar pelos nossos typos, o que torna desnecessario o emprego de dous *rr*. Ha aqui uma innovação revolucionaria de João de Barros, a qual nem elle mesmo se atreveu a popularisar, pois que na sua grammatica, empregando sempre o signal *e*, que inventára para o som de *é* aberto, escreve comtudo sempre dous *rr* e não o novo signal do *r* forte. A este chama *erre*, e ao brando *ére*.

Segue-se finalmente o *s*, de que não accusa os diferentes valores, limitando-se apenas a apontar as figuras por que era representado n'aquelle tempo, as quaes são *s* e uma letra semelhante ao *f*, eliminado o traço herisontal, letra mui commum nã typographia d'aquelle tempo, e ainda usada nas impressas mais antigas d'este nosso seculo.

Depois da explicação do alphabeto passa João de Barros a traçar da soletração, dividindo as syllabas nos seguintes grupos: 1.º *Syll. per aiuntamento de duas letras*, com a consoante antes ou depois da vogal, taes como *ba*, *be*, *bi*, *bo*, *bu*, e *ar*, *er*, *ir*, *or*, *ur*, etc. 2.º *Syllabas per aiuntamento de tres letras*, como *bal*, *bel*, *bil*, *bol*, *bul*, etc. 3.º *Outra maneira de syll. de tres letras a meya das quaes é liquida*, taes como *bla*, *ble*, *bli*, *blo*, *blu*, etc. 4.º *Syllabas per aiuntamento de quatro letras*, taes como *bral*, *brcl*, *bril*, *brcl*, *brut*, etc. 5.º *Outra maneira de syll. ditongadas*, taes como *bai*, *bei*, *boi*, *bui*, etc. 6.º *Outra maneira de syll. propria da lingua portugueza*, taes como *cha*, *che*, *chi*, *cho*, *chu*; *lha*, *lhe*, *lhi*, *lho*, *lhu*; *nha*, *nhe*, *nhi*, *nho*, *nhu*.

Reduzindo assim o syllabario portuguez a uma ordem methodica e racional, João de Barros não se contentou de ensinar simplesmente as syllabas de que se compõem as palavras portuguezas. Além d'isto previu e formulou claramente a necessidade de indutriar as creanças nas syllabas, que, não pertencendo á lingua materna, podem comtudo formar palavras estrangeiras. Esta pratica, como é hoje sabido, tem duas grandissimas vantagens. A primeira, que o leitor pode pronunciar ao menos com o valor que as letras tem na sua lingua as vozes peregrinas que occorrem em todos os livros, onde os nomes estranhos de personagens, de nações, e de logares apparecem com muitissima frequencia; adquirindo o ledor ao mesmo tempo summa facilidade em ler as palavras estrangeiras, quando se dedica a estudar um idioma em que aquellas syllabas são frequentes. Estas vantagens apreciam-se quando vemos nos nossos dias os leitores mais peritos estacarem diante dos mais simples nomes estrangeiros, sem saberem ao menos pronuncial-os ao modo portuguez; e quando vemos dificultar-se a leitura do latim e do grego, pelo apparecimento de syllabas que no portuguez jámais occorrem, taes são no latim *spiritus* por exemplo, e no grego *mnemonica*, cujas primeiras syllabas são difficeis de pronunciação a quem só com o genuino syllabario portuguez se contenta.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

SABÃO PROPRIO PARA TIRAR NODOAS.

MISTURE-SE uma libra de sabão de Veneza com seis gemmas de ovos, meia colher de sal bem moído e sufficiente quantidade de summo de acelgas, e façam-se dous bolos, que devem pôr-se a seccar á sombra. Molhe-se a nodoa, esfregue-se com este sabão de ambos os lados, depois enxugue-se muito bem, e a nodoa desaparecerá.